

IGREJAS DA “CAJUÍNA¹ TERESINA”: MARCOS DA PAISAGEM DA CAPITAL PIAUIENSE

Wilmar Moura de Souza Junior (IC) e Roseli Maria Martins D'Elboux (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A pesquisa busca tecer investigações sobre aspectos do histórico da cidade de Teresina, tendo as suas primeiras igrejas como participantes ativas na construção desse solo. Observando a formação do tecido urbano da capital, o trabalho pretende analisar como se deram os processos de formação de cada um de seus templos religiosos: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, Catedral Metropolitana Nossa Senhora das Dores e Igreja de São Benedito - erigidos nessa ordem - e seus desdobramentos na leitura da paisagem. A Igreja do Amparo, como ficou conhecida, foi o primeiro edifício religioso elevado na nova capital, após a transferência do poder provincial de Oeiras, em 1852. Em consequência do crescimento da cidade, a Matriz precisou dividir seu espaço com a construção da Igreja de Nossa Senhora das Dores, que viria a ser posteriormente nomeada como Catedral. O terceiro templo, dedicado ao santo negro São Benedito, foi construído em um dos limites territoriais da cidade à época, o Alto da Jurubeba, que anos mais tarde seria considerado o ponto nodal de acesso ao bairro Centro. A questão da constituição da memória coletiva dessas igrejas frente ao povo teresinense também foi um dos pontos a serem perscrutados no artigo. Por fim, o estudo parte de ampliações advindas da pesquisa desenvolvida paralelamente sobre Teresina, entre 2020 a 2021, para o Trabalho Final de Graduação apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie intitulado *Cidade Cajuína Cristalina - aproximações de preservação em centros históricos de cidades nordestinas: o caso de Teresina*.

Palavras-chave: Teresina. Igrejas. Memória.

ABSTRACT

The research seeks to weave investigations into the historical aspect of the city of Teresina, having as its first churches as active participants in the construction of this soil. Observing the formation of the urban soil of the capital, the work intends to analyze how the formation processes of each of its religious temples took place: Mother Church of Nossa Senhora do Amparo, Metropolitan Cathedral of Nossa Senhora das Dores and Church of São Benedito - erected in this order - and its consequences in the reading of the landscape. The Amparo

¹ Cajuína é uma bebida típica do estado do Piauí feita a base do suco de caju. É patrimônio imaterial pelo IPHAN e símbolo cultural da cidade de Teresina. Caetano Veloso, músico brasileiro, tomou-a como inspiração para compor sua célebre música de mesmo nome, uma homenagem ao seu amigo e poeta teresinense, Torquato Neto. Teresina rima com cajuína e essa se coloca como um adjetivo neste texto para referir-se eloquentemente à capital que se solidificou à beira do Rio Parnaíba.

Church, as it became known, was the first elevated religious building in the new capital, after the transfer of the administrative jurisdiction of the Province, in 1852, which was previously located in the city of Oeiras. Due to the growth of the city, the first church had to share its space with the construction of the Church of Nossa Senhora das Dores, which would later be named Cathedral. The third temple, dedicated to the black saint São Benedito, was built in one of the city's territorial limits at the time, the Alto da Jurubeba, which years later would be considered the nodal point of access to the Centro district. The issue of the constitution of the collective memory of these churches before the people of Teresina was also one of the points developed in the article. Finally, the study departs from expansions arising from the research developed in parallel about Teresina, between 2020 and 2021, for the Final Graduation Paper presented to Mackenzie Presbyterian University entitled *“Cajuína Cristalina” City - preservation approaches in historic centers of northeastern cities: the case of Teresina.*

Keywords: Teresina. Church. Memory.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Teresina, capital do Piauí, está localizada no norte do estado e tem como divisa a oeste o Maranhão. Encontra-se na confluência de dois rios importantes, o Parnaíba – que percorre o estado desde o sul até o norte, desaguando no Oceano Atlântico – e o Poti, seu afluente, que banha os estados do Piauí e Ceará. Esses dois rios se confundem com o próprio histórico de formação da capital assim como já diz seu hino “Risonha entre dois rios que te abraçam”². Foi elevada à categoria de cidade a partir da resolução nº 315, de 21 de julho de 1852, sendo descrita como a primeira cidade planejada no período do Império (GANDARA, 2011). Teresina consolidou-se como a nova capital, após a transferência do poder central do município de Oeiras, que fica no centro do estado.

O nascimento da cidade está conectado diretamente a uma tradição cristã-católica, a exemplo de outros núcleos urbanos do país, através da definição do sítio de implantação de um templo católico que permita ser um símbolo inicial para povoados, cidades ou vilas. A partir da definição do ponto fundacional do povoado, em 1850, foi definido o início da construção da Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo. Essa edificação é descrita como a primeira arquitetura da nova localidade, frente à atual praça da Bandeira e às margens do Rio Parnaíba.

Este ponto, definido e demarcado como o Marco Zero de Teresina – a Igreja Nossa Senhora do Amparo - apresenta-se para os teresinenses com três significados especiais: o religioso, pois consagrou a nascente povoação à fé cristã-católica; o delimitador, pois a partir daquele ponto definiram-se outros marcos que possibilitaram delimitar o espaço que comportaria a cidade na sua concepção original e posterior ampliação; e o urbanístico, porque a partir do Marco Zero foi traçado o plano original de Teresina – com indicação de ruas, praças, avenidas e alguns equipamentos urbanos – cemitério, poço, casa da pólvora... (ABREU; LIMA, 2000, p. 15-20)

Pouco depois, foram construídos mais dois templos religiosos além da Igreja do Amparo, como é comumente conhecida. Em 1865, foi lançada a pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora das Dores, a ser erigida no entorno da atual praça Conselheiro Saraiva, sendo posteriormente elevada à categoria de catedral da cidade. Em 1870, quando estava próxima a sua conclusão, o templo foi acometido por um desabamento.

Com o crescimento populacional da cidade, houve a demanda popular pela construção de mais um templo. Assim, no ano de 1886, a Igreja de São Benedito foi concluída com a ajuda maciça da população, tendo Frei Serafim como principal dirigente da construção. A edificação

² Segundo o Portal Cidade Verde, importante veículo de comunicação da cidade de Teresina, o hino da cidade é de autoria do professor Cineas Santos com parceria do músico Erisvaldo Borges. A composição foi escolhida para as comemorações do sesquicentenário em concurso promovido pela Prefeitura Municipal.

foi decisiva nos novos horizontes de crescimento da capital piauiense, pois até então o local em que foi implantada correspondia a um dos limites da cidade.

A pesquisa propõe-se a compreender os processos que estão entrecruzados na construção e formação das igrejas de Teresina e como estes contribuíram ou influenciaram a conformação do espaço citadino teresinense, assim como analisar a permanência desses edifícios na memória coletiva da população da capital. As igrejas-matrizes tiveram papel fundamental na construção de vilas e cidades, sustentando sua permanência no tempo e no espaço, mesmo sob um paulatino processo de secularização do solo das áreas centrais citadinas (MARX, 2003).

Como principais objetivos do estudo procuram-se investigar o histórico de urbanização da capital piauiense e os processos de ocupação espacial dos três espaços fundacionais da cidade de Teresina – as citadas Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo, Catedral Metropolitana Nossa Senhora das Dores e Igreja de São Benedito - entendendo-os como marcos da paisagem e como prováveis indutores do crescimento urbano de Teresina. Busca-se identificar como esses edifícios atuam na memória coletiva da população e quais aspectos importantes eles estabeleceram ao decorrer da história com o território, como, por exemplo, sua relação com os adros e destes com o entorno. No trabalho não se pretende compreender as especificidades de cada arquitetura religiosa citada e de suas reformas ao longo do tempo, mas as relações que esses templos estabeleceram com o tecido urbano teresinense.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Antes de entrar naquilo que compreende as questões relativas às igrejas em si, faz-se necessário, primeiramente, remontar a alguns enfoques do Piauí como conhecemos hoje para depois transitarmos pelos aspectos da formação e urbanização de Teresina, sendo esses pontos importantes para o entendimento da configuração dos templos religiosos contemplados nesta pesquisa.

A pecuária, que se caracteriza pela extensiva criação de gado, foi uma das bases mais importantes na ocupação da região que hoje conhecemos como Piauí. Tendo como ponto de partida central o território baiano, mais precisamente a cidade de Salvador, a atividade interiorizou-se, tendo contato com os nativos dos territórios aos quais os criadores de gado adentravam e, “(...) deslocando-se de maneira contínua, atinge o curso médio do rio São Francisco ainda na primeira metade do século XVII, onde foram concedidas sesmarias e instaladas várias fazendas de gado.” (ALVES, 2003, p.57). Esses pioneiros, que assumem quase que uma personificação de desbravadores, conseguem atingir com essa movimentação o lado oriental da bacia do Rio Parnaíba, instalando ali os primeiros currais nos afluentes do rio (ALVES, 2003). É a partir desse cenário que o território piauiense vai

começando a escrever seus primeiros contornos. É importante traçarmos um paralelo com a chamada Casa da Torre, que foi importante figura na construção da narrativa do povoamento. Essa instituição, sediada na Bahia, era chefiada pela família Ávila, importante protagonista da colonização do território naquele momento. Os Ávila, como forma de conseguir mais ganhos para seu crescimento como também mais importância, financiavam os desbravadores que queriam adentrar os Sertões, através da Casa da Torre. Uma vez que esses aventureiros as tomavam, os Ávila as pleiteavam em forma de sesmaria; com a impossibilidade de gerir todas essas terras, a família repassava àquelas pessoas que tivessem a pretensão de efetivamente ocupá-las (ALVES, 2003).

O atual estado do Piauí estava situado dentro dos chamados Sertões de Rodelas. Era um território sem uma precisão exata de fronteiras, tendo uma complexa rede social, cultural e geográfica, "abrigo desde secas caatingas aos vales férteis de carnaúbas e buritis." (ARRAES, 2016, p.259).

Dado tal contexto, havia muita dificuldade no contato com outras fazendas, o que não permitia grandes trocas com outros grupos sociais. Havia, portanto, um isolamento do Piauí, o que dificultava a criação e desenvolvimento de núcleos urbanos. Com isso, foi somente no final do século XVII, em 1696, que surgiu a primeira povoação de caráter urbano no Piauí, a freguesia de Nossa Senhora das Vitórias, que precisou ser criada por conta do franco desenvolvimento da vizinha freguesia pernambucana de Cabrobó, que comandava o poder religioso naquela região. Mais tarde, no ano de 1712, o local que era comumente chamado de Brejo da Mocha se eleva a Vila e passa a se chamar a partir daí Vila da Mocha. A região foi escolhida por ser "conveniente, também, no sentido de 'decente', um lugar plano e nas proximidades de cursos fluviais" (ARRAES, 2016, p.261).

A construção e definição desse núcleo urbano fez com que o local se estruturasse a partir de três instituições, ficando subordinado aos principais centros da colônia da época: em termos judiciais, estava sob o comando da Bahia; a administração territorial era função do Maranhão; e, a religiosa, a cargo da diocese de Pernambuco até meados da primeira metade do século XVIII (ARRAES, 2016). Sobre o poder religioso que comandava o que hoje conhecemos como Piauí, Barreto (1938) aponta:

O Piauí, primitivamente estava sob a jurisdição eclesiástica da Baía [sic], passando para a de Pernambuco em 1676 quando data a sua criação [sic], e em 1730 passou para a diocese do Maranhão. Em 1715 o território que até então pertencia à capitania da Baía [sic] passou a pertencer à do Maranhão (BARRETO, 1938, p. 188).

O território piauiense passa a ter título de capitania com o nome São José do Piauí a partir da promulgação da Carta Régia de 29 de julho de 1758 por D. José I, tendo como sede

do governo a Vila da Mocha, que era seu principal núcleo naquele momento. Mais tarde, em 1761, o local passa a categoria de cidade, chamando-se a partir daí de Oeiras (IBGE, 2021).

Sobre a igreja Matriz de Nossa Senhora das Vitórias (figura 1), Arraes (2012, p. 319) afirma: “(...) o templo religioso se fez poderosamente presente em sua dupla função: religiosa – transmissão dos dogmas da cristandade, revistos pelo Concílio de Trento -, e temporal - centro de arrecadação dos dízimos e exercício da justiça.” As manifestações religiosas, principalmente rezas e procissões, aconteciam no vazio em volta da igreja, que, assim, se tornava um espaço sem outras interrupções arquitetônicas e que trazia dinamismo para a vida daquela nucleação (ARRAES, 2012).

Figura 1: Adro da Igreja Matriz (ao centro da imagem) de Oeiras, Piauí.



Fonte: foto do autor, 2020.

Um século mais tarde, começou-se a especular sobre a transferência da capital do Piauí para outro lugar. Isso se deu por conta de articulações políticas, urbanas e econômicas. Havia a necessidade de transferir a sede da província para um outro local, dotado de mais recursos, segundo a visão dos que estavam por trás desse empreendimento. Assim, dentre os locais especulados para essa transferência, aparece a chamada Vila do Poti, que ficava localizada mais ao norte do território, fazendo divisa com a província do Maranhão (BRAZ E SILVA, 2011).

A região, que hoje é o bairro do Poti Velho, localizado na Foz do Rio Poti, em seus primórdios foi um local que abrigou povos indígenas da denominação poti até por volta do fim do século XVII. No início do século XVIII houve embates entre os poti e os brancos, que

queriam adentrar naquele território; e, esses, com sua força opressora conseguiram já no fim desse século estabelecer as primeiras casas na região, tendo o grupo de Domingos Mafrense³, como principal dominante do lugar. Em 4 de dezembro de 1797, teve início a construção de uma capela, na chamada Barra do Poti, tendo a invocação de Nossa Senhora do Amparo como padroeira do local. Durante os anos seguintes os habitantes reivindicaram ao poder da província a criação de Vila, primeiramente, e, depois, sem esmorecer, ao título de Freguesia, mas não foram atendidos em seus pedidos. Era uma região que vivia a base de uma produção agrícola, como também da criação de gado, tendo o comércio aliado nesses denominadores (BRAZ E SILVA, 2011; CHAVES, 1993).

Os habitantes dali alegavam que a natureza dotara o lugar de

um terreno saudável, aprasível [sic], abundante em frutas e peixes, comerciante e com tôdas[sic] as proporções para ser uma povoação, talvez a melhor da Província, pela sua fertilidade e vantajosa situação sobre a margem do Parnaíba em que faz barra o Poti; se viam privados do pasto espiritual e das justiças, pois para aquele era preciso recorrer à Matriz de São Gonçalo, em distância de 25 a 40 léguas; e para estas em Oeiras, na de 60 léguas, por caminhos maus e difíceis. (CHAVES, 1993, p. 28)

Somente anos mais tarde o local foi elevado a Freguesia, em 15 de setembro de 1827, e a Vila, em 6 de julho de 1832. Nos anos seguintes a região teve prosperidade, apesar das inundações causadas pelo considerável aumento dos rios Parnaíba e Poti e, que assim, tomavam conta do vilarejo. Em 1839, com a invasão dos Balaios⁴, o local enfrentou muitos prejuízos com tal situação.

Segundo Chaves (1993), o Governo Central, através da Lei nº 140 de 29 de novembro de 1842, permitia que os habitantes da região pudessem mudar o local da Vila, que não aceitaram a proposta a princípio. Somente anos mais tarde, com a posse de Conselheiro José Antônio Saraiva⁵ como Presidente da Província, essa ação tomou novos rumos. Ele, através de uma visita no ano de 1850 à chamada Barra do Poti, antes de dar abertura aos trabalhos na Câmara Legislativa, que se localizava ainda na cidade Oeiras, fez uma promessa aos

³ Domingos Afonso Mafrense (16-? – 1711) ou Sertão, como era comumente conhecido, é uma das principais figuras no processo de ocupação do território piauiense. Ele era um rendeiro da influente Família Ávila, de Salvador, e, por volta de 1670, se estabelece no Vale do Rio Canindé juntamente com seu grupo (ALVES, 2003)

⁴ A revolta dos Balaios ou Balaiada foi um movimento que aconteceu no atual estado do Maranhão em meados do século XIX. Teve como pano de fundo o período que vai desde a Independência do Brasil até a Proclamação da república. Havia uma divisão naquela época na sociedade maranhense, entre as classes mais abastadas e a população mais pobre, composta, principalmente, por escravizados e sertanejos. A elite, em um processo de aumentar mais ainda seus poderes frente a sociedade, fez com que surgisse um movimento de insatisfação muito intenso entre os mais desfavorecidos, culminando na Balaiada (INFOESCOLA, 2021).

⁵ José Antônio Saraiva (1823-1895), mais conhecido como Conselheiro Saraiva, foi presidente da província do Piauí, nomeado em 1850. Um de seus primeiros atos no cargo político foi a transferência da capital Oeiras para a nova Vila do Poti, mais tarde sendo chamada de Teresina, em homenagem à imperatriz Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon, que foi uma das influenciadoras junto a Dom Pedro II para o estabelecimento da nova capital (MOREIRA, 2016).

habitantes do lugar e proferiu que distante dali a uma légua se daria a construção de uma nova Vila, que seria, mais tarde, a nova capital da Província. A votação para a mudança dos foros administrativos de Oeiras para o que viria a ser chamada Vila Nova do Poti aconteceu em janeiro de 1852, com disputa acirrada entre os políticos votantes. No final, Saraiva conseguiu o triunfo, e a decisão pela mudança para a Vila, na Chapada do Corisco - local assim chamado por receber muitas descargas elétricas durante o período de chuvas (TERESINA, 2021) - ganhou em primeiro turno.

A Freguesia de Nossa Senhora das Vitórias, na primeira capital, se coloca como importante precedente na formação da cidade de Teresina quando fazemos um percurso histórico. Teresina nasce também dessas bases: uma das primeiras coisas que é identificada no novo local é a presença de uma padroeira que vai dar nome a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, primeira construção elevada nessa nova nucleação. “Essa construção é atribuída ao mestre-de-obras João Isidoro da Silva França, que também teria trabalhado na ampliação e restauração da Matriz de N. Sra do Ó e Conceição de Valença [também no Piauí] entre os anos de 1845 e 1848.” (SILVA FILHO, 2007, p. 354).

A Igreja do Amparo era muito diferente daquilo que conhecemos hoje. Quando foi erigida, ainda no século XIX, o templo era uma capela com reduzidas dimensões que se integravam bem quando considerado o contexto imediato, que era circundado por outros edifícios de ordem pública, como exemplo a Sede do Governo, o Mercado Público, o Tesouro provincial e o Fórum (Figura 2). A carência de materiais e recursos financeiros foi uma problemática que acompanhou a primeira década da nova capital. A Igreja Matriz já evidencia isso em sua simplicidade inicial. Com a falta de recursos emitidos pela Província, o capital particular era o principal meio para que a nova cidade fosse ganhando forma. A mudança consubstancial do templo, para o que se conhece hoje, só veio a ocorrer com o centenário da cidade, no ano de 1952. Monsenhor Joaquim Chaves, importante e influente religioso da época, era vigário do templo e propôs uma adequação na arquitetura para que essa se revelasse mais ainda quando visualizada no centro da cidade. Para tal tarefa, precisou contar com a valiosa contribuição da população para que assim fossem elevadas as duas torres da fachada. Essas, que se basearam em uma linguagem mais simplificada da arquitetura gótica, trouxeram altivez para o templo que conseguiu se destacar ainda mais no conjunto arquitetônico ao redor da Praça da Bandeira (CRC/SECULT, 2020; SILVEIRA, 2003; MOREIRA, 2016).

Figura 2: Praça da Constituição, atual Praça da Bandeira. No lado direito, a Igreja Matriz em sua configuração original com o Fórum ao seu lado (demolido). Do lado esquerdo, em primeiro plano, o Mercado Municipal. Foto de 1910, autoria desconhecida.



Fonte: Silva Filho, 2007, p. 105.

Como afirma Nascimento (2011, p.1) Teresina, que viria a constituir a nova capital do atual estado do Piauí, nasceu já sob o signo do moderno, ainda no ano de 1852. Seria, portanto, uma ruptura com uma capital no interior, no caso protagonizada por Oeiras. Como aponta Gandara (2011), é a primeira cidade planejada dentro do período do Brasil Império.

Conselheiro Saraiva, como ficou comumente conhecido, teve papel preponderante na mudança dos foros administrativos, como também no plano urbano proposto para a nova cidade (Figura 3). Com isso, o político, juntamente com João Isidoro da Silva, que era como um mestre de obras como hoje conhecemos, pôs-se a estudar um plano para a capital (MOREIRA, 2016). É importante deixar claro que o desenho da planta inicial da cidade apresentado nesta pesquisa não é o original, mas uma reprodução baseada no mesmo. Os desejos de parcelamento do solo na cidade pretendidos por Saraiva têm muito a ver com o que foi proposto em Lisboa, após o grande terremoto de 1755 (BRAZ e SILVA, 2011). Comentando sobre Teresina, Silva (2011, p. 46) afirma que Roberta Delson⁶ (1997) “estava certa ao afirmar que o programa urbano português experimentado no século XVIII tinha sido exitoso”, possivelmente creditando seu desenho às experiências do período pombalino e, no caso piauiense, à antiga capital, Oeiras.

Segundo Braz e Silva (2012), o modelo português de planejamento tem como características principais a retilinearidade, regularidade, rigidez da geometria de seu desenho, além de concentrar no entorno da praça principal dois poderes importantes: a justiça e o governo. Em Teresina, ainda estará presente um terceiro poder, o religioso, protagonizado

⁶ DELSON, Roberta Marx. **Novas Vilas para o Brasil-Colônia: Planejamento Espacial e Social no Século XVIII.** Tradução: Fernando de Vasconcellos Pinto. Brasília: Editora Alva, 1997

pela Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo na Praça Deodoro da Fonseca, atual Praça da Bandeira.

Em Teresina, o Auto de Demarcação de seu território informa que o marco zero da cidade é a Igreja Matriz (CHAVES, 2005), o que coloca o adro da mesma como um espaço diferenciado, de caráter religioso e monumental, de importância social e espacial na estrutura da cidade. Ou seja: a Igreja Matriz é o ponto de referência para o traçado da cidade; e seu adro, a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, é o principal elemento estruturador do plano de Teresina. (BRAZ E SILVA, 2012)

Figura 3: Mapa com a delimitação do Bairro Centro e do perímetro proposto pelo Plano Saraiva. Observa-se também a localização das igrejas estudadas na pesquisa.



Fonte: Google Maps com edição do autor.

Segundo Braz e Silva (2012), os princípios compositivos da Praça Deodoro da Fonseca (comumente conhecida como Praça da Bandeira), adro da Igreja Matriz, tem muitas similaridades com a Praça do Comércio, em Lisboa, e que foi projetada por Eugênio dos Santos, personagem-chave no plano de reconstrução da metrópole após o terrível incêndio, ocorrido em 1755. “Praças como o Largo da Matriz, atual Deodoro da Fonseca, estão na origem da forma portuguesa de ocupar o território como um todo. Elas são o elemento estruturador da apropriação e ordenação física dos aglomerados.” (BRAZ E SILVA, 2012, p. 226). O próprio Plano Saraiva tem como ponto de partida o módulo da Praça da Matriz, o que assim vemos reverberada a questão da influência religiosa nos parâmetros de ocupação da

nova cidade, configurando-se como regra geral como Marx (2003) observa. Em menor número, vemos outras cidades coloniais onde o módulo é outro e está fincado na figura do Palácio. Amparado na figura institucional do padroado, a Igreja de fato influenciou nas decisões projetuais das novas cidades (MARX, 2003). É um fenômeno que também ocorreu em outras cidades do Piauí, bem antes da fundação da nova capital, como em Oeiras, Piracuruca e Parnaíba, locais também visitados durante o período da pesquisa.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo assume então nesse contexto local de indução de crescimento da nova cidade, pois é ali ao seu redor que os mais notáveis, sejam políticos ou comerciantes, vão se estabelecer após a transferência dos foros administrativos. Saraiva, em seu plano, difere dos moldes da Praça Portuguesa ao propor três quarteirões em cada lado da praça, o que dá a entender em seus discursos que ele queria realmente trazer pessoas para a nova cidade, mesmo essas sendo as mais abastadas, o que já salienta rompimentos das classes no tecido espacial. É importante dizer que a princípio esses quarteirões eram colocados somente como sendo de lote único, o que também já mostra o poder do acesso à terra como uma das condicionantes no novo lugar (BRAZ E SILVA, 2012).

O tempo no início dessa nova cidade era medido de maneira diferente, tendo os sinos das igrejas fazendo esse papel de articulador da vida cotidiana anunciando as principais horas do dia para a população. A religião católica esteve sempre muito presente desde os anos iniciais da fundação da cidade.

Nesse sentido, a partir da análise da criação e da evolução das primeiras cidades, entende-se que, antes de ter função protetiva e econômica, a cidade assume a função da fé e devoção. Ou seja, para a construção das cidades eram necessários solos férteis e água para a promoção do cultivo e criação de animais, bem como a construção de um santuário para a celebração de rituais. (SILVA, 2017)

Antes de prosseguirmos é importante destacar o que seria a figura do adro, elemento tão importante na malha do solo teresinense. Sobre isso Marx (2003, p. 121) nos diz que esse elemento é "(...) o mais importante dos locais pios no que diz respeito à consideração e à compreensão do espaço urbano entre nós. Os adros não apenas proliferam em nossas cidades tradicionais, como se confundem com quase todos os seus largos." Ainda em relação ao adro, Arraes (2012, p. 311) aponta: "definidas por ordens canônicas ou por códigos reinóis, a lógica evolutiva da paisagem urbana sertaneja esteve agregada à presença desse vazio de uso sacro, profano e um mix de ambos."

O segundo templo religioso erigido na capital foi a Igreja de Nossa Senhora das Dores (mais tarde elevada à catedral metropolitana), que foi construída a fim de suprir as demandas da nova cidade, que vinha crescendo consideravelmente, posto que a Igreja Matriz não conseguia absorver tamanha quantidade de fiéis (ANDRADE, 2014).

Com a criação da Igreja das Dores foi criada uma nova freguesia na cidade – pela Lei nº 590 de 6 de agosto de 1866, instituída a 24 de setembro de 1866, pelo bispo Frei Luiz da Conceição Saraiva e nomeado reverendo o Pe. Raimundo Alves da Fonseca. A capela-mor só ficou pronta em 1867. O então presidente Luna Freire incumbiu o reverendo da Igreja das Dores dos gastos necessários com a capela-mor e dispendeu a quantia de 625\$730, para a aquisição de ornamentos e alfaias. (ANDRADE, 2014, p. 8)

Em 1869, devido à falta de condições ocorreu o desabamento de uma parte do templo em homenagem a Nossa Senhora das Dores. Como aponta Tito Filho (1978), depois do ocorrido, o então Presidente da Província resolveu constituir uma comissão para averiguar o que havia acontecido. Assim os três membros que a compuseram deram seus pareceres, que seguem:

péssima qualidade de parte do terreno, terreno embebido de águas pluviais, péssimo material empregado e maus operários, cal fraca (Newton Burlamaqui); sistema péssimo dos alicerces, argamassa ruim, falta de calçada para resguardo da chuva (Gustavo Dodt); terreno frouxo, alicerces ruins, paredes mal feitas (José Gaume). (TITO FILHO, 1978, p. 12)

Como afirma Sousa (2012, p. 153). “O relatório do presidente da província de 1860, justifica as obras de outros templos religiosos, visto que, a igreja do Amparo, a única da capital, não podia prestar-se com decência às celebrações religiosas, pois a população da cidade estava em crescimento”. No ano de 1875 acontece a inauguração da igreja que passa a dividir espaço com a Igreja matriz, que segundo Tito Filho (1978) geram momentos de tensões entre os “amparistas” (ligados a Igreja do Amparo) e os “doristas” (adeptos da Igreja das Dores). A Diocese do Piauí foi criada somente em 1901, através da Bula *Supremum Catholicam Ecclesiam* redigida pelo Papa Leão XIII. A partir daí a Igreja das Dores passa a ser oficialmente catedral.

Souza (2014) elabora um trabalho muito rico a respeito das permanências e memórias dos louvores da festividade de Nossa Senhora das Dores no espaço teresinense, entre um recorte temporal que se estende de 1930 aos anos 2000. Para concretização de tal feito a pesquisadora busca fazer entrevistas com membros participantes dessa instituição para assim embasar nos relatos orais ainda mais seu estudo.

Em certo trecho do texto, Souza (2014) faz uma bonita conexão entre o termo “caminhante” em seu sentido principal ao devoto da Festa das Dores,

Os caminhantes pressupõem um espaço, lugar praticado, ou seja, vivo, ele permeia a memória e a história das pessoas. Os caminhantes - devotos consomem cotidianamente a Igreja das Dores, a Praça Saraiva, as ruas do centro, os comércios, enfim, praticam aqueles espaços e fazem deles a extensão de suas casas, pois são espaços de sociabilidades e convívios; esses caminhantes são vizinhos, conhecem e andam nas mesmas ruas, mas apropriam-se delas a sua maneira, assistem às missas e celebrações na Igreja das Dores. Para alguns caminhantes – devotos; esses espaços são praticados desde criança, portanto são lugares afetivos. Essas pessoas brincaram ou simplesmente passaram pela Praça Saraiva, fazem compras no mesmo mercado local. Os caminhantes, desse modo, têm em comum os espaços

fortes, marcados por múltiplas investidas cotidianas, onde podemos encontrar traços de seus gostos e afetos. (SOUZA, 2014, p. 144-145)

Na década de 1930, o iminente desejo de reconstrução do templo é encabeçado pela figura de Dom Severino, que argumenta que os reparos que teriam que ser realizados no edifício seriam muito mais elevados do que uma reconstrução. Além disso, havia a busca em construir um templo com maior altivez que se destacasse até mais em relação a outros do interior do estado, pois ali deveria ser a “Igreja mãe das demais igrejas de toda a Diocese” (SOUZA, 2014, p. 147). Para tal projeto essa figura religiosa muito importante a época, fez uma estimável conclamação para a Igreja do Piauí, reverberando até em veículos de jornais importantes, como *O Piauí*, em 11 de maio de 1930 (SOUZA, 2014).

A parte social da Festa de Nossa Senhora das Dores, celebrada no dia 15 de setembro, acontecia, em meados da década de 1980, na Praça Saraiva, que além de servir de Adro também circunda toda a Igreja. Eram momentos de muito despojamento e animação nesse espaço, com quermesses, diversas brincadeiras e apresentações culturais. Contudo, na década de 1990, Wall Ferraz, então prefeito da cidade, fez a proibição desses eventos com o argumento que mais se assemelhavam as festas religiosas do interior e que, portanto, não dialogavam com o centro de uma capital. Durante um tempo a festa foi reduzida a um espaço localizado externamente ao Templo. Atualmente, o encontro acontece na Praça Saraiva (SOUZA, 2014).

Com o rápido crescimento populacional da cidade, foi preciso que sucedesse a construção de mais um templo. Assim, em 1886, a Igreja de São Benedito foi elevada no Alto da Jurubeba, local que até então era considerado o limite oriental da cidade, onde principalmente os escravizados e os mais pobres faziam suas manifestações de fé (figura 4). Houve uma efusão de felicidade do povo teresinense com a chegada de Frei Serafim à cidade, em 10 de maio de 1874, que seria o responsável pela construção da igreja. É importante destacar que o religioso fora anteriormente convidado com a missão de colaborar na reconstrução da Igreja das Dores, mas antes da sua chegada, o presidente da província se adiantou e chamou para tal função o Visconde de Gurgueia, que viria a ser o Barão de Gurguéia mais tarde; assim, quando Frei Serafim desembarcou na capital, a construção já estava praticamente concluída (SOUSA, 2012).

Figura 4: Igreja Matriz de São Benedito. Destaca-se o seu adro elevado, em primeiro plano, como o eixo da Avenida Frei Serafim (ao fundo), importante artéria de acesso ao Bairro Centro.



Fonte: Silva Filho, 2007, p.115, v. 3.

Segundo Tito Filho (1978), houve uma extensa colaboração na construção do templo conduzido pelo Frei. As pilhas de pedra, barro e madeira eram conduzidas até o Alto da Jurubeba, através de um mutirão que não media esforços em contribuir com o religioso. O autor explicita que até o presidente da província e sua família colaboraram neste trabalho. É importante destacar o trabalho da população negra na construção do templo.

(...) No alto da Jurubeba, naquela Gólgota da negritude ressuscitando, quiseram os negros a sua igreja. Benedita fosse, Benedita haveria de ser. Das Dores estavam calejados; do Amparo necessitados. Tempos ruidosos; 77. Pestes. Teresina aos 25 anos vivia a desolação da seca extrema, destino de cearenses e riograndinos em desespero. (NETO, 2009 apud SOUSA, 2012, p. 151)

Problemas com dinheiro, poucos recursos, epidemia de varíola, secas no território tudo isso, a princípio, estabelecia-se como elementos impeditivos, mas para o religioso só deu mais forças para seguir na construção do templo. Os escravizados foram os que sofreram mais com a epidemia de varíola de 1875, devido às condições de trabalho que eram muito precárias e que afetavam a saúde dessa população. A construção demorou 12 anos para ser concluída, devido às dificuldades já apresentadas anteriormente. Para a sagração da Igreja, Frei Serafim fez o convite ao Bispo Diocesano do Maranhão e do Piauí, Dom Antônio Cândido de Alvarenga, para celebrar a missa inicial do novo templo (TITO FILHO, 1978; SOUSA, 2012).

O templo foi muito importante na memória dos escravizados, talvez as primeiras memórias, aquelas que não são faladas e que são engavetadas para dentro da história. Sobre isso: “O sujeito negro, dentro da festa em homenagem a São Benedito, não participa só dos rituais da igreja católica inerte, ele analisava, apreendia, compartilhava, se expressava, conquistava temporariamente sua liberdade.” (SOUSA, p. 2012, 165-166).

Em 2001, foi escrito um documento para o tombamento das igrejas da capital piauiense. Em certo trecho reflete-se:

As igrejas de Teresina falam de nossa cidade. Elas não se distinguem pela grandiosidade e esplendor que em outras cidades, no Brasil e fora dele, se ligam a fases de desenvolvimento e de festígio [sic] cultural ou religioso. Nossas igrejas são simples. Mas acolhedoras e amigas. Como em qualquer outro lugar do mundo, são sinais externos de fé. Em seu interior, se exerce a vida do culto: anuncia-se a palavra de Deus, conferem-se os Sacramentos, estreitam-se os laços da comunidade. (SANTOS, [2001], p. 9)

Conforme apontam Salgado e Piccinato Junior (2012, p. 240), “na formação do urbano, foi frequente a prática de doação de uma parcela de terras a um santo padroeiro, sendo então as normas eclesiásticas responsáveis pela organização social e física do território”. Os autores trabalham a partir das considerações de Murilo Marx (2003), segundo o qual, a força da Igreja católica era seguida com mais afinco do que as normativas e legislação do próprio Estado. A união entre as esferas da Igreja (sagrado) e do Estado (profano) era crucial na conformação de um novo solo urbano, sendo um movimento que continuou até o período da República, quando houve a separação de fato entre ambos, ainda que “a promulgação da Constituição de 1891” tenha estabelecido “a preservação dos direitos adquiridos pela Igreja em terras aforadas” (SALGADO; PICCINATO JUNIOR, 2012, p.240).

Figura 5: Igrejas de Teresina estudadas no trabalho. Da esquerda para a direita: Igreja Matriz, Catedral Metropolitana Nossa Senhora das Dores e Igreja de São Benedito.



Fonte: fotos do autor, 2020.

Essas três igrejas tão importantes no histórico da cidade construíram e ainda constroem marcas importantes na paisagem. Assim como aponta Bueno (2016),

mais do que um palimpsesto, a paisagem é um precioso instrumento de trabalho, na medida em que, como salienta Fernand Braudel, é como nossa pele condenada a conservar a cicatriz das feridas antigas. Como acumulação desigual de tempos, as rugosidades dos sucessivos passados amalgamados na paisagem atual permitem suportar cada etapa do processo social, cumprindo-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam tal como a sociedade a escreveu de momento em momento. (BUENO, 2016, p. 100-101).

A memória, como nos afirma Le Goff (1996, p. 423), se caracteriza como a “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Seguindo um diálogo entre autores, Halbwachs (1990) nos aponta que a memória coletiva se trata de um processo de rememoração entre as pessoas; quando essas conseguem se juntar para explicar determinado fato a exatidão se coloca com maior evidência.

Apesar do pertencimento tão efusivo do povo teresinense a esses espaços religiosos, como sendo locais que despertam o resgate a momentos vividos ali, há um processo de “mundanização” dos espaços que circundam essas igrejas, fenômeno que ocorre também em muitas outras cidades do país, como nos traz Marx (2003), sobre as questões que envolvem o “sagrado” e o “profano”. A readequação das normativas em praças e ruas que permeiam esses espaços através de um rígido código de leis, os novos usos que começam a sobressair aos tradicionais eventos litúrgicos, uma certa diminuição da importância dos adros, elementos tão importantes desde o Brasil Colônia, o surgimento de novos símbolos e monumentos são alguns dos traços que estão amalgamados nesse processo revelado pelo autor (MARX, 2003).

Percebe-se que os adros das igrejas estudadas aqui não possuem a mesma aura que tinham no século XX. Há um distanciamento cada vez maior das festividades e manifestações religiosas que antes aconteciam de maneira muito mais prestigiada nesses locais. São pontos da cidade, que, mesmo assim, não perdem sua relevância como marcos da paisagem, importantes na configuração histórica desse tecido e que representam elementos marcantes que se distinguem pela originalidade, assumindo formas claras que são fáceis de serem reconhecidas dentro do contexto de Teresina demonstrando, assim, o conceito de imaginabilidade discutido por Lynch (2011). Todavia, há sim, em visitas ao local, um certo esquecimento da importância deles à cidade, que se revela, a um primeiro momento, na situação paisagística e urbanística. Destaca-se, por exemplo, a demarcação por gradis de ferro no entorno das Praças da Bandeira e Saraiva, respectivamente adros da Igreja do Amparo e da Catedral Metropolitana, ação acontecida desde o século passado. Isso, por si

só, já demonstra um confinamento desses locais perante o entorno, criando assim barreiras na valorização desse patrimônio cultural que é do povo teresinense por direito, limitando, portanto, uma leitura mais pertinente do complexo adro-igreja à princípio, mas também desse juntamente com os prédios históricos que circundam esses trechos da cidade. Isso, aliado a muitos outros fatores, dificulta o estabelecimento de um processo mais fecundo de tombamento dessas áreas, que vem juntamente com a Igreja de São Benedito e a Praça da Liberdade, sofrendo com os avanços de descaracterizações em seus sítios.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar a execução desse artigo, é importante salientar que não se trata de um encerramento da pesquisa propriamente dito. Essa ainda tem muitos caminhos que podem ser revelados e percorridos. O estudo histórico, urbanístico e cultural das primeiras igrejas construídas na capital piauiense é uma temática que necessita ser explorada em outros envios, devido a reduzida quantidade de material disponível para consulta, conforme foi percebido durante o período de trabalho. Há uma lacuna, portanto, em estudos que reflitam com outros enfoques esses bens culturais tão representativos na história urbana de Teresina.

Como foi discutido, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora das Dores e a Igreja de São Benedito são importantes edificações que se tornam essenciais ao fazermos uma leitura da paisagem cultural teresinense. São, sobretudo, espaços fundantes dessa cidade, pois deram perspectivas para o crescimento urbano em seus arredores. As igrejas são tipos de arquitetura que geram significativas mudanças no espaço citadino. Como abordado, isso se deve às heranças do próprio período colonial, onde o templo católico era uma estrutura que já definia uma dimensão de influência, basilamente no campo religioso, como também no urbanístico e social.

O estudo do processo de formação de Teresina juntamente com o histórico das igrejas, questão chave da pesquisa, foi perpassado com afinco ao longo do período de aprofundamento. A realização do trabalho final de graduação do autor, com tema paralelo à iniciação científica, foi fundamental para estabelecer uma maior conexão com a própria cidade. As aproximações espaciais dos templos e suas possíveis relações de hierarquia, que podem ser traduzidas espacialmente, foi um dos objetivos que foram cumpridos parcialmente. Para tal análise seria preciso fazer um estudo mais minucioso em acervos, principalmente ligados à arquidiocese do Piauí, fato que foi dificultado pelas consequências que a pandemia nos impôs.

O desejo de transitar por outras temáticas, por vezes pouco conhecidas como é a questão das igrejas de Teresina, já evidencia a relevância do presente trabalho como possível indutor de pesquisas futuras acerca do tema. A pesquisa em arquitetura não está somente presente

nos grandes centros, como a exemplo o eixo São Paulo-Rio de Janeiro. É preciso ir além, exercendo o entusiasmado ofício de pesquisador em outros objetos pouco explorados. O inegável valor histórico e cultural das igrejas aqui estudadas se coloca como importante aspecto para o reconhecimento do patrimônio cultural da capital do Piauí.

4. REFERÊNCIAS

ABREU, Irlane Gonçalves de; LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. **Igreja do Amparo: O Marco Zero de Teresina**. Revista Cadernos de Teresina. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, p.15-20, 2000.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. As bases históricas da formação territorial piauiense. **Geosul**, v. 18, n. 36, p. 55–76, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13577>. Acesso em: 01 mar. 2021.

ANDRADE, Andréia Rodrigues. A estruturação Urbana de Teresina e seus primeiros prédios públicos. In: **Anais do XII Encontro Nacional de História Oral**, Associação Brasileira de História Oral, Universidade Federal do Piauí, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397522460_ARQUIVO_AestruturacaourbanadeTeresinaeseusprimeirosprediospublicos.pdf. Acesso em: 09 ago. 2021.

ARRAES, Damião Esdras Araújo. **Curral de reses, Curral de almas: urbanização do sertão nordestino entre os séculos XVII e XIX**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) – Faculdade de arquitetura e urbanismo, Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Plantar povoações no território: (re) construindo a urbanização da capitania do Piauí. **Anais do Museu Paulista**, v. 24, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27346867012>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BARRETO, Paulo Tedim. O Piauí e a sua arquitetura. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 187-223, 1938. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat02_m.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

BRASIL ESCOLA. **Balaiada**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/balaiada/>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRAZ E SILVA, Angela Martins Napoleão. **Entre rios: a lógica da modernização e do crescimento da cidade de Teresina (1889-1940)**. p. 425. Tese de Doutorado - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

_____. Planejamento e fundação da primeira cidade no Brasil Império. **Cadernos Proarq 18**, Rio de Janeiro, n. 18, 2012. Disponível em: https://cadernos.proarq.fau.ufrrj.br/public/docs/Proarq18_Planejamento_AngelaSilva.pdf. Acesso em: 09 ago. 2021.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Arqueologia da paisagem urbana: lógicas, ritmos e atores na construção do centro histórico de São Paulo (1809-1942). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 64, p. 99-130, 2016. CHAVES

CHAVES, Monsenhor Joaquim. **Cadernos históricos**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

CRC/SECULT. **A Igreja Nossa Senhora do Amparo.** Disponível em: <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2020/12/10/igreja-nossa-senhora-do-amparo/>. Acesso em: 10. Set. 2021.

GANDARA, Gercinair Silvério. Teresina: a capital sonhada do Brasil oitocentista. **Revista História São Paulo**, v. 30, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/M6gfmTQqhnjCsvdHqJ4rdPp/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revistas dos Tribunais Ltda, 1990.

IBGE. **Oeiras – PI**, história, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/oeiras/historico>. Acesso em: 05 jun. 2021.

INFOESCOLA. **Balaiada**, 2021. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/balaiada/>. Acesso em: 10 set. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARX, Murilo. **Nosso chão: do sagrado ao profano.** São Paulo: EDUSP, 2003.

MOREIRA, Amanda Cavalcante. **Teresina e as moradias da região central da cidade (1852-1952).** Dissertação de mestrado - Programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Teresina, a capital que nasceu sob o signo do moderno e da pobreza. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, v. 53, n. 9, p. 15, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300477414_ARQUIVO_Teresinamodernaanpuh2011.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

SALGADO, Ivone; PICCINATO JUNIOR, Dirceu. Terra urbana: a relação das instituições religiosa e pública no controle do patrimônio fundiário original da cidade de Buritizal/SP. In: **Cadernos PROARQ 18.** UFRJ, 2012.

SANTOS, Patrícia Mendes dos. **São Benedito.** Teresina, [2001].

SILVA FILHO, Olavo Pereira da Silva Filho. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí.** Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 2007.

SILVA, Deisy Nayanny de Brito. **Interpretação patrimonial do centro fundacional de Teresina, Piauí.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). 2017. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SILVEIRA, Ana Lúcia R. C. da. **A Igreja do Amparo.** Teresina: ICF Editora, 2003.

Sousa, Talyta Marjorie Lira. **Filhos do sol do equador: As vivências e experiências cotidianas de trabalhadores negros na sociedade teresinense no final do século XIX.** Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

SOUZA, Francisca Márcia Costa de. Caminhantes-devotos: a celebração em louvor a Nossa Senhora das Dores e outras sociabilidades [Teresina-PI, entre 1930 aos anos 200]. **Contraponto:** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 3, n. 1, agosto de 2014.

TERESINA (Prefeitura Municipal). **História de Teresina.** Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPLAN). Disponível em: <https://semplan.pmt.pi.gov.br/historia-de-teresina/>. Acesso em: 15 mai. 2021.

TITO FILHO, Arimatéia. **A Igreja do Alto da Jurubeba.** Teresina: Editora desconhecida, 1978.

Contatos: wilmarmsjunior@gmail.com e roseli.delboux@mackenzie.br